



Coordenação de Armindo Rodrigues

A instabilidade geomorfológica histórica na freguesia do Lajedo (ilha das Flores, Açores)

Autor:

Rui Fagundes Silva

A freguesia do Lajedo na ilha das Flores é um dos locais no arquipélago dos Açores recorrentemente afetado por movimentos de vertente, os quais são relatados desde o final do século XVIII. O evento mais antigo é relatado pelo Pe. José António Camões (1822): *“Em 1799, em uma pequena povoação chamada Lagêdo, ao Sudeste da ilha, pelas duas horas da tarde, começaram a abalarem-se varios rochedos, e terras cultivadas de trigo, sitos sobre elles, aonde andavam ceifoens na colheita dos trigos; e, em menos de uma hora, revolveo terras de inhames de tal forma que ficaram as de baixo para cima, e as de cima para baixo; foi um fenomeno que daria que faser aos naturalistas se cá os houvesse”*. João Augusto da Silveira (1848) descreve (possivelmente) o mesmo evento: *“A freguesia do Lajedo e Costa na época de 1773 sofreu no lugar chamado Campanário, no mês de Julho, um abalo de terra em parte de uma montanha: cujo abalo apenas foi sentido naquele lugar e cuja catástrofe se diminui a altura desta montanha mais de 60 pés, em distância de 2 moios de terreno”*. Quanto ao ano, é possível tratar-se de um *lapsus calami*, uma vez que Ferreira Drummond (1856) transcreve integralmente o relato de Camões, e António Macedo (1871) descreve o mesmo evento, dando um ano diferente e a informação (provavelmente mal interpretada na fonte) de que o fator desencadeante terá sido um

sismo: *“Em julho deste anno [1793] sentio-se pela primeira vez na ilha das Flores depois della descoberta um terramoto que abateu na freguesia do Lagedo no lugar da Ribeira do Campanario uma montanha na altura de 18 metros que obstruiu uma extensão de 1161,60 ares de terreno”*. Outro evento, em 1800, é descrito por Silveira (1848): *“...na mesma montanha [Campanário] e noutro lado (...) correu ao mar mais de um moio de terreno: e apareceu no meio deste lugar um manancial de águas minerais frias, que davam como de tinta preta, suprimindo a falta de caparrosa. Estas águas secaram no fim de três anos”*. Macedo (1871) narra o mesmo evento, relatando que: *“(…) e em 1800 por efeito d'outro terramoto (...) a 29 de dezembro (...) na ilha das Flores, no mesmo sítio da Ribeira do Campanário, correu ao mar uma montanha em grande extensão, patenteando um manancial d'águas frias, que tingiam de preto o que nelas se metia, e assim continuaram por um espaço de três annos, no fim dos quaes se secaram”*. Silveira (1848) relata outros dois eventos de instabilidade geomorfológica desencadeados por sismos, ocorridos na noite de 16 e 17 de outubro de 1845 e a 8 de março de 1846. O autor correlaciona estes movimentos de vertente com a presença da nascente termal no sítio da Água Quente, provavelmente pretendendo enfatizar a influên-



Enquadramento geral da freguesia do Lajedo (foto: Frederico Fournier).

Coordenação de Armindo Rodrigues



Aspetto da zona do Campanário após os movimentos de vertente em dezembro de 2010.

cia e o contexto hidrológico da área na ocorrência dos movimentos de vertente. Devido a um episódio de precipitação intensa, no dia 27 de agosto de 1964 *“(…) a Ribeira do Campanário saiu fora do seu leito arrastando na sua torrente árvores, terras e duas azenhas. Os caminhos municipais estão quase intransitáveis e há desabamentos de terrenos por toda a freguesia, um dos quais atingiu uma casa de habitação”* (Correio dos Açores, 30/08/1964). O ‘Correio dos Açores’ noticia que durante as semanas seguintes no lugar do Campanário *“(…) em todas as casas as fendas vão-se alargando progressivamente pelo que se mandou proceder à evacuação daquele local (...) o desabamento de terrenos para a ribeira são permanentes e em todo o terreno que rodeia a povoação abrem-se fendas profundas (...)”*. Analisadas as evidências descritas nos vários relatos, é de supor a existência de um movimento de vertente profundo na zona do Campanário, que se movimenta com maior ou menor velocidade, influencia-

do pela maior ou menor quantidade de água no solo. A 22 de maio de 1980, um desabamento desencadeado no sítio da Rocha Alta provocou um tsunami com *run-up* de 5 metros. O jornal ‘As Flores’ noticia que o desabamento terá ocorrido ao anoitecer, altura em que muitos pescadores no cais das Lajes, perplexos, viram o mar subir acima dos seus limites habituais, submergindo os barcos que se encontravam varados. Mais recentemente, a 3 de dezembro de 2010, episódios de precipitação intensa e prolongada desencadearam dezenas de movimentos de vertente que provocaram danos em habitações, interrupção de estradas e retirada de pessoas nas freguesias do Lajedo e Fajãzinha. O lugar do Campanário (embora já desabitado) foi de novo o local mais afetado, onde foi possível verificar fendas na estrada, casas e muros. A 30 de outubro de 2012, devido igualmente à precipitação intensa foram desencadeados movimentos de vertente, alguns deles reativados, que provocaram interrupções e danos em estradas.

Investigadores do IVAR/CIVISA participaram na EGU General Assembly 2023



13 investigadores do IVAR/CIVISA (Universidade dos Açores) participaram na EGU General Assembly 2023, o maior evento científico europeu da área das geociências, que decorreu em Viena (Áustria) entre 23 e 29 de abril. A EGU aborda

diversas temáticas de âmbito geológico, constituindo uma oportunidade não apenas para divulgar os trabalhos desenvolvidos na nossa Universidade, mas também estabelecer redes de contactos com parceiros internacionais.